

## COP-16

# Outra decepção em Cancún

COM O RISCO de a próxima Conferência do Clima das Nações Unidas (COP-16), prevista para o período de 19 de novembro a 10 de dezembro em Cancún, no México, ser novo vexame diplomático, algumas nações trabalham com a hipótese de prorrogar o Protocolo de Kyoto para depois de 2012, enquanto outro acerto não é selado.

Na última reunião em Copenhague, na Dinamarca, em 2009, para diminuir o quadro de frustração, os presidentes anunciaram a retomada de um acordo sobre o corte das emissões para este ano. O encontro também estabeleceu a criação de fundo com recursos públicos dos países ricos, sendo que US\$ 30 bilhões seriam introduzidos no pacote até 2012. A meta é atingir US\$ 100 bilhões por ano até 2020.

Com o Protocolo de Kyoto, firmado em 1997 no Japão, durante a COP-6, a vencer em 2012, cabe um novo entendimento sobre os cortes de CO<sub>2</sub> entre os países ricos, pobres e os grandes países emergentes. Para traçar o programa de compromisso pós-2012, existem alguns desafios. Sem a participação dos Estados Unidos, que deixaram o Protocolo em 2001, no governo Bush, um novo acordo perderá força. Por sua vez, os países emergentes com maiores influências nas decisões globais alegam que precisarão continuar emitindo gases de efeito estufa para se desenvolverem. Para eles, os esforços de mitigação cabem mais aos países desenvolvidos.

A chefe do clima da ONU, Christiana Figueres, considera estratégico a cúpula priorizar no México o tema do financiamento das ações para destravar o restante do acordo. "Houve uma erosão de



Saulhu

confiança após Copenhague que agora estamos tentando arrumar." Mas, mesmo nesse tema, há falta de convergência nas posições das nações.

Os países ricos manifestam as suas indisposições de bancar integralmente o fundo. Parte do dinheiro viria do setor privado por meio de novas taxas, como impostos sobre o comércio de carbono, transações financeiras e transporte aéreo e marítimo.

O governo de Obama já manifestou duas posições duras. A primeira é sobre a impossibilidade de aprovar uma legislação com as metas de cortes de 17% nas suas emissões de CO<sub>2</sub> até 2020. A segun-

da é de que apenas alinhará a favor da criação de um fundo para trabalhar com mudanças climáticas caso Brasil, China e Índia mostrem as suas decisões para reduzir as emissões de CO<sub>2</sub>.

O governo da Arábia Saudita anuncia que o G-77 – grupo dos países em desenvolvimento – não aceitará a transferência de responsabilidade do financiamento do fundo dos países ricos para o setor privado ou os emergentes. A colocação brasileira é mais moderada na aceitação de uma parcela dos recursos da iniciativa privada, porém, não aceita que isso venha a afetar os países emergentes. ■

## Reuniões Preparatórias: sem progressos

Com a finalidade de chegar a alguns denominadores comuns em relação a certos conceitos e progredir em temas relevantes, as reuniões preparatórias de negociação funcionam como facilitárias para dar maior velocidade nas tomadas de decisões das políticas das COPs. De acordo com a agenda estabelecida pelo Secretário-Geral da Convenção do Clima, Yvo de Boer, para a COP 16, a primeira reunião preparatória aconteceu em Bonn, na Alemanha, entre 31 de maio e 11 de junho; a segunda, também em Bonn, na primeira semana de agosto e a terceira e última, em outubro, em Tianjin, na China.

No decorrer dos três encontros, praticamente as questões ficaram no mesmo lugar, pouca coisa mudou. Países em desenvolvimento declararam querer mais “ambição” dos países ricos, mais clareza sobre como pretendem atender às promessas do Acordo de Copenhague: manter o aquecimento global a 2°C e alocar recursos para os financiamentos de US\$ 30 bilhões por ano. Já os países desenvolvidos insistiram no “v” da discórdia, de verificável, parte fundamental da sigla MRV (mensurável, reportável e verificável) exigida para futuros compromissos dos países em desenvolvimento.

O ambiente está longe de um clima de consenso. Estados Unidos e China, os dois maiores poluidores do planeta, continuam a se desentender nas questões pertinentes à verificação internacional das ações de mitigação nos países em desenvolvimento e nos países desenvolvidos. Não há otimismo para a COP 16, em Cancún. Com o pouco interesse americano e europeu, caberá ao grupo Basic (Brasil, África do Sul, Índia e China) assumir as rédeas e tocar o processo para a COP-17, na África do Sul.

## Iniciativa.

### A palavra-chave para conciliar produtividade e preservação.

Prospectar novas oportunidades de mercado, promover o desenvolvimento social, garantir a sustentabilidade dos recursos renováveis. Estes são os principais objetivos dos programas Mercado de Carbono e MDL Florestal,\* iniciativas da OCB em conjunto com diversas cooperativas e instituições parceiras.

Se você é cooperado, profissional da área ambiental ou simplesmente um entusiasta de ações que visam garantir um futuro melhor para as próximas gerações, acesse o site <http://carbono.brasilcooperativo.coop.br> e saiba mais sobre esses programas.



**Carbono Cooperativo**

<http://carbono.brasilcooperativo.coop.br>

\* Mecanismo de Desenvolvimento Limpo